

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Faculdade de Letras de Lisboa

1



EDICÖES
C O S M O S

天竺國在東海之南
其地多珍寶
其地多珍寶
其地多珍寶

EDITORIAL

Em tempos remotos e nebulosos, Cadmo aportara à Hélade. De Tiro, diziam uns. De Sídon, clamavam outros. De Biblos, cismaram alguns, associando as «letras» (*grammata*) à terra-mãe do «livro» (*byblos*). Fora de dúvida estava a origem fenícia e a instalação na Beócia, onde o herói fundara Tebas. E mais: qual precursor dos reis magos, Cadmo trazia do Oriente uma mão-cheia de bens culturais, mais preciosos e duradouros que o ouro, o incenso e a mirra do Evangelho. «Os fenícios que vinham com Cadmo... trouxeram aos Gregos com a sua instalação no país certo número de artes e saberes, entre os quais a escrita (*grammata*), ao que julgo, desconhecida dos Gregos até aí. (...) Nesse tempo, a maior parte dos gregos das redondezas eram jónios. Estes, ensinados pelos fenícios, adoptaram os caracteres com pequenas alterações para seu uso e continuaram a chamá-los letras fenícias (*phoinikéia*), como era justo; pois os Fenícios é que as tinham introduzido na Grécia» (Heródoto, Histórias V,58).

O «pai da história» tinha razão — até nomes e ordem das letras denunciavam a origem semítica. Mas nem ele nem o comum dos Gregos deve ter imaginado quantas «artes e saberes» remontavam ao Oriente — dos heróis épicos de Homero às gerações divinas de Hesíodo, da religião à filosofia e à ciência. Certamente não viu nos Jónios, discípulos de fenícios (!), os grandes receptores e transmissores da cultura oriental que da Suméria, de Babilónia, da Assíria e do Mitanni transbordara para os primeiros indo-europeus da Ásia Menor, irmãos mais velhos dos Helenos.

Com este «Oriente» concorria o Sueste camita e a própria Hélade. Não fosse alguém sustentar uma simplista e unilateral visão das coisas! Antes de Cadmo, contrapunham antigos e modernos — de Hecateu a Apolodoro (FGrH N.º 244 F 165) — já Danaos trouxera a escrita do Egipto para a Grécia.

Terão Heródoto e os outros tradentes descortinado ou intuído no herói Cadmo o «Oriente» semítico (*qedem*) travestido? Como quer que seja, a cultura oriental chegou à Hélade. Deixou lastro e largou para Roma e Gália. Veio dar à Hispânia.

Do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa, «Cadmo» ruma em sentido inverso. Busca as raízes no Egípto estável e solene, no caldeirão de povos e culturas chamado Síria, nos mal explorados planaltos da Anatólia hitita, nos focos civilizacionais da Mesopotâmia hurrita, semítica e suméria, nos areais desérticos da Arábia e do Elão, nas serranias agrestes da Pérsia aqueménida. Mantendo abertas as vias que levam ao Urartu montanhoso, à Índia misteriosa e ao Oriente Extremo fascinante. Estreitando em amplexo forte Oriente e Ocidente, a *oikoumenê* da aldeia planetária. E com bandeira «Cosmos», cujo apoio a tripulação da nau muito agradece.

José Nunes Carreira